

ADORAÇÃO, CULTO E SACERDOTES

WORSHIP, LITURGY AND PRIESTS

Neilson Xavier de Brito¹

RESUMO

A adoração tem-se revestido de uma prática que nem sempre é comum aos ensinamentos neotestamentários. A relação adoração – culto – sacerdote, influenciada pela Pós-modernidade, tem colocado a Igreja numa situação baseada no binômio mercado e consumo. A partir do conceito bíblico de adoração, este artigo busca refletir e estimular questionamentos sobre a prática do culto e a função sacerdotal. Percebe-se que a adoração parece estar ausente do meio evangélico. O gosto pessoal tornou-se o parâmetro para a liturgia. Uma conceituação contemporânea de culto tornou-se um desafio, embora considerada irrelevante, pois uma teologia de culto já não se faz necessária. O sacerdote, o profeta e o mago/feiticeiro fundidos em uma única figura central – o sacerdote tornou-se a figura principal do palco. Resgatar um estilo de culto fundamentado nas Escrituras em que se possa considerar alguns dos vários segmentos da Pós-modernidade precisa ser encarado como um grande desafio para a igreja atual.

PALAVRAS-CHAVE: Adoração; Culto; Sacerdotes; Mercado de Consumo; Pós-Modernidade.

ABSTRACT

Worship has been clothing itself with a practice that is not always common to New Testament teachings. The worship - liturgy - priest nexus influenced by Postmodernism has put the Church in a situation based on the binomial market/consumption. Starting from the biblical concept of worship, this article seeks to ponder and stimulate questions about the liturgy practice and the priestly function. It is noticed that the worship seems to be absent from evangelical circles. Personal taste has become the parameter for the liturgy. A contemporary concept of liturgy has become a challenge, but is also seen as irrelevant because a worship theology is no longer necessary. The priest, prophet and magician/sorcerer figures merged into a single, central one - the priest became the leading figure on stage. Restoring a style of liturgy based on the Scriptures, in which some of the various segments of Post-modernity, can be brought into account must be seen as a major challenge for today's church.

KEYWORDS: Worship; Liturgy; Priests; Consumption Market; Postmodernism.

¹ Pós-Graduado em Aconselhamento – Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestre em Teologia – Faculdades Batista do Paraná. Pastor batista. E-mail: pr_neilson@hotmail.com.

Introdução

Na liturgia² dominical de uma igreja batista em São Paulo, capital, nota-se, que durante o serviço de culto havia um momento chamado de “oração sacerdotal”. Até compreende-se que o objetivo da liturgia exposta não era considerar ou apresentar similaridade com o sacerdócio veterotestamentário,³ embora, a expressão corrobore com a criação no imaginário religioso dos fiéis que mantêm ideia de mediação identificada pelo pastor ou por outros líderes que exerçam tal função. A impressão é reforçada com a ideia de que esses líderes sejam “mediadores” entre Deus e os homens. Em artigo publicado sobre Sacerdócio, Mercadoria e Espetáculo – Uma perspectiva teórica do consumo de música evangélica no Brasil, Dolghe e Campos⁴ fazem uma citação relevante acerca dessa temática, de que:

Nas religiões contemporâneas, o sacerdote oferece – e se vê obrigado a oferecer – em forma de espetáculo aquilo que é negado pelo real a seu fiel, porque "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens". [...] No campo religioso, especificamente nas igrejas evangélicas brasileiras, quem é o principal agente de produção e reprodução de sentido aos fiéis? Quem é o principal responsável por oferecer sempre boas respostas? Quem oferece constantemente certezas a respeito da finalidade da vida? O sacerdote: verdadeiro mantenedor da ordem. Profissional da religião que, como os de outras áreas de atividade, responde ao espírito da época. O sacerdote faz parte do espetáculo – mais do que um mundo da visão, o espetáculo é uma visão de mundo. [...] O sacerdote pode fazer revelações, ministrar, curar, orar. Noutro momento pode conduzir entusiasticamente o público a

2 MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Manual do Pastor e da Igreja**. Curitiba: A. Santos Editora, 2002. Nessa obra, Martins define liturgia – *leitourgia*, como uma coleção de formas ritualísticas prescritas, visando à adoração pública. [...] Muitas vezes preferem o termo “ordem de culto”, p. 116-117.

3 PIDOUX, G. Sacerdócio. In: ALLMEN, Jean-Jacques Von (Org.). **Vocabulário Bíblico**. 2.ed. São Paulo: ASTE, 1972. O sacerdote era intermediário entre o povo e a divindade a que pertencia, pois, como o rei, (Ministério AT) era ungido com a unção de óleo. [...] Os sacerdotes desempenhavam a missão do culto oficial, isto é, do conjunto de orações e de gestos simbólicos que visavam conservar a santidade. Centralizava-se o culto em torno do sacrifício, que é uma oblação feita a Deus (p. 378-380).

4 DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo; CAMPOS, Breno Martins. **Sacerdócio, mercadoria e espetáculo – uma perspectiva teórica de consumo de música evangélica no Brasil**. Revista Pandora do Brasil, n. 25 – Dezembro de 2010.

danças e expressões corporais.⁵

Martins em seu manual de eclesiologia apresenta algumas definições essenciais sobre a Igreja, e em meio a estas, uma em particular chama a atenção, pois faz referência sobre o sacerdócio, em que afirma:

cada cristão é o seu próprio sacerdote e tem completa liberdade de consciência. Cada pessoa é competente para aproximar-se de Deus, não necessitando de intermediários humanos (1 Tm 2.5; Rm 14.12). Alguns inventaram a doutrina da transferência ou procuração, pela qual alguém pode, na terra, interceder pelo semelhante junto a Deus e perdoá-lo, mas a doutrina neotestamentária é que cada cristão é, perante Deus, o seu próprio sacerdote.⁶

Neste artigo, a partir das definições de adoração, culto e as suas relações com o sacerdócio, busca-se aprofundar a discussão dessa temática no confronto com a pós-modernidade e o mercado de consumo.

Adoração e Culto

Definir expressões subjetivas não é tarefa fácil. Shedd em Adoração Bíblica compreende que “definir um termo como 'cultuar' ou 'adorar' não deixa de ser um desafio a todos que se preocupam com uma verdadeira adoração”.⁷ Conclui ainda o autor que:

Adorar e cultuar, juntamente com palavras como fé e amor, pertencentes aos mais profundos níveis da verdade cristã, não se enquadram facilmente dentro de definições nítidas.

5 DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. 10 reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 14.

6 MARTINS, 2002, p. 8.

7 SHEDD, Russel P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987, p. 9.

Mas susceptível à descrição e experiência do que às limitações de uma definição verbal, qualquer tentativa de definir adoração será falha.⁸

Em Teologia e Adoração, os autores reconhecem que “a palavra adoração é usada por muitos cristãos para designar uma grande variedade de experiência e impressões”⁹; e conseqüentemente, a ideia de “culto de adoração” é diversa. Para Allen e Borrór, “adoração é uma reação ativa a Deus pela qual declaramos sua dignidade. A adoração não é passiva, mas sim participativa. [...] não é simplesmente um clima; é uma reação. Adoração não é simplesmente uma sensação; é uma declaração”!¹⁰ “Adorar alguém ou algo é atribuir mérito ou declarar valor supremo àquela pessoa ou coisa”!¹¹ A palavra inglesa *weorthscipe*, modificada para *worship*, traduz bem o sentido de adoração – “atribuir valor, mérito [worth]”. Shedd também reconhece que adoração expressaria “o transbordar de um coração grato, impulsionado pelo sentimento de um favor divino”!¹²

Ainda o mesmo autor, ao escrever sobre a temática Adoração Bíblica, afirma que “para se obter uma visão clara da adoração no Novo Testamento se pressupõe conhecimento dos termos utilizados pelo texto grego. Por isso, apresenta cinco aspectos da adoração bíblica: “1. Adorar significa render-se, que tem fundamento na palavra 'adorar' – *pròskuneo* – gesto de curvar diante de uma pessoa e ir até o ponto de beijar os pés. 2. Adorar significa servir – *latreia* – “culto, serviço religioso”. 3. Atos de reverência – *sebein* – tem a ver com temor diante da majestade de Deus. 4.

8 SHEDD, 1987, p. 13.

9 ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. **Teologia da Adoração: o verdadeiro sentido da adoração**. Trad. Elias Moreira da Silva; Lucy Yamakami. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002, p. 15.

10 ALLEN; BORROR, 2002, p. 16.

11 ALLEN; BORROR, 2002, p. 17.

12 SHEDD, 1987, p. 13.

Adoração e religião – *threskeia* – a adoração também está relacionada com a expressão dessa fé – religião. Se adorarmos a Deus, também nos preocuparemos com os “órfãos e viúvas em suas necessidades”, isto é, a adoração precisa está relacionada à práxis cristã. 5. Adorar significa realizar serviço sacerdotal – *leitourgeo* – fazer o trabalho público. Expressa a ideia de serviço. “Quem serve a Deus (At 13.2) serve também à igreja”.¹³

Parece que a questão onde se podem levantar algumas análises comportamentais resultante de uma teologia parca tem a ver com o culto e suas expressões. Considere-se, ainda, antes de se refletir sobre o culto cristão que, segundo Barth citado por Allmen, “é o ato mais importante, mais relevante, mais glorioso na vida do homem”,¹⁴ embora reconheça o referido autor que a adoração nunca foi considerada um assunto de grande importância no pensamento da Igreja Reformada.¹⁵

Allen e Borrer,¹⁶ numa alusão a uma série de pregações realizadas no Canadá em 1961 por W. A. Tozer – “Adoração: A joia em falta na igreja evangélica moderna”,¹⁷ faz referência ao fato de que “a adoração é a joia que está ausente no meio evangélico moderno”.¹⁸ É interessante notar que a disfunção entre adoração e culto tão característico na pós-modernidade, já era perceptível nos fins da modernidade segundo Tozer.

13 SHEDD, 1987, p. 16-21.

14 ALLMEN, J. J. von. **O Culto Cristão: Teologia e Prática**. Trad. Dilson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo ASTE, 1968, p. 11.

“A Igreja Reformada representa um dos dois grandes ramos das igrejas que provieram imediatamente da Reforma Protestante. Surgiu na Suíça, simultaneamente com o luteranismo na Alemanha, com Zwínglio e Calvino, sem dúvida o maior expoente da igreja reformada”. Fonte: 15 CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Trad. J. M. Bentes, V. 3. 3. ed. São Paulo: Distribuidora Candeias, 1995, p. 231.

16 ALLEN; BORROR, 2002, p. 11.

17 TOZER, H. W. In: **The Best of A. W. Tozer, as quoted in making new discoveries**. Anaheim – Calif.: Insight for Living, 1996, p. 29. Texto original: “worship is the missing jewel in modern evangelicalism”.

18 TOZER, W. A. **O Melhor de W. A. Tozer: Textos inesquecíveis de um grande pregador**. Canoas, RS: Estação do Livro, 2007, p. 86. <www.memeadoresdopalavra.net>.

Compreende Allmen, em suas reflexões teológicas e práticas sobre o culto cristão, que a adoração tem uma “dupla fundamentação cristológica: o culto terreno celebrado pela vida, morte e glorificação do Cristo encarnado, e o culto celeste que, na glória, Ele celebra até o dia do mundo vindouro”¹⁹ Também, para o mesmo autor, o culto é a recapitulação da história da salvação, e que:

O culto da igreja só se torna possível porque Jesus Cristo ofereceu, por seu ministério terreno, o culto suficiente e perfeito. Vimos também que o culto da Igreja é verdadeiro, porque Jesus Cristo está presente, como Senhor soberano, no meio dos que se reúnem em seu nome. Resta-nos examinar agora o que se passa no culto.²⁰

Mas essa é a pergunta que inquieta: “O que é culto?” Até que ponto a centralidade em Cristo tem sido substituída na liturgia pós-moderna?

Ainda Allmen sobre O Culto, a *epifania*²¹ da Igreja expõe a tese de que “a Igreja através/por meio do culto torna-se ele mesma, toma consciência de si mesma e se confessa entidade específica. [...] e o culto possibilita à Igreja demonstrar qual é a sua verdadeira natureza”²² Com isso, compreende o autor que, “para aprender a conhecer a igreja, tanto para adquirir consciência eclesial, é indispensável ir à Igreja e viver o seu culto”²³

19 ALLMEN, 1968, p. 25.

20 ALLMEN, 1968, p. 31.

21 Epifania: adoração, personificação, representação. “Irupção de Deus no mundo, que se verifica diante dos olhos dos homens em forma humana ou não humana [...] Os termos para designar esses fenômenos são *teofania* e *epifania*. Fonte: PAX, E. Epifania. In: BAUER, Johannes. B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1979, p. 339-343, VI. 1.

22 ALLMEN, 1968, p. 47.

23 ALLMEN, 1968, p. 48.

Nesse sentido, o culto apresenta também um aspecto didático, na medida que estuda “os textos dogmáticos, as confissões de fé, a disciplina eclesiástica, a história cristã e da espiritualidade individual”.²⁴

Também, através do culto, a Igreja toma a consciência de que ela é uma comunidade de fé, onde se estabelece a distinção entre Igreja e o mundo. “É no culto, esfera por excelência do vir-a-ser da vida da Igreja, que o fato da Igreja primeiro se manifesta”.²⁵ No dizer de Allmen, o culto “estabelece uma ruptura entre a Igreja e o mundo, e numa referência Barth, “é a igreja que despreziosa, mas decididamente, sai da profanidade do meio que está normalmente imersa”.²⁶ Define ainda o mesmo autor, o culto como sendo “o coração da comunidade cristã”,²⁷ numa constatação de que o culto interfere diretamente na vida da Igreja. “É pelo culto que a Igreja vive, é nele que pulsa a vida da Igreja. [...] É a partir da vida de adoração que a Igreja se dissemina no mundo, para misturar-se como levedura na massa, para dar-lhe gosto com sal, e iluminá-lo com luz”.²⁸

É claro que se pode apresentar uma série de ressalvas, especialmente quando se compreende o culto como a única expressão da *Missio*, como é comum em algumas comunidades. Allmen partilha do conceito de que “o culto é a resposta mais concreta que pode dar a pergunta: Onde está a Igreja?”. Aproveitando-se da indagação e observando-se as expressões pós-modernas de culto, pergunta-se: O que de fato crê a Igreja?²⁹ Como o culto revela a epifania das suas crenças? Expressa adoração? Observe-se que, na realidade, não é objeto desse artigo expressar um julgamento, mas constatar fatos que possam indicar uma dicotomia entre adoração, o culto e os seus “sacerdotes”.

24 ALLMEN, 1968, p. 48.

25 ALLMEN, 1968, p. 48-49.

26 ALLMEN, 1968, p. 50.

27 ALLMEN, 1968, p. 60.

28 ALLMEN, 1968, p. 60.

29 ALLMEN, 1968, p. 57.

Pós-modernidade e sua relação com o culto e os sacerdotes

William Maxwell, em sua obra *O Culto Cristão* quando discorre sobre O Culto primitivo: suas origens e desenvolvimento, afirma que:

O culto consiste em nossas palavras e ações. É a expressão externa da nossa homenagem e adoração, quando estamos reunidos na presença de Deus. Essas palavras e ações são orientadas por dois aspectos: nosso conhecimento a respeito do Deus que adoramos e os recursos humanos que podemos utilizar no culto que oferecemos. O culto cristão se diferencia de todos demais cultos, pois é dirigido ao Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sua expressão é peculiar, pois é o Espírito Santo que está na e com a Igreja para aconselhá-la e dirigi-la desde Pentecostes. Isto é o que dá ao enfoque histórico do culto seu valor peculiar e sua importância prática.³⁰

O mesmo autor, quando fala dos aspectos práticos nos cultos na igreja primitiva nos séculos III e IV oferece a ideia de um culto participativo e não centralizados em “sacerdotes”. Diz Maxwell:

O número de oficiantes que tomavam parte no culto dependia do número disponível na igreja local. O celebrante poderia ser um bispo ou presbítero, e não era incomum a prática de uma celebração conjunta, em que um bispo e seus presbíteros, ou vários presbíteros juntos recitavam em uníssono a liturgia. Os diáconos cumpriam uma variedade de funções. O diácono principal dirigia a congregação durante o culto e recitava algumas litanias. Outros diáconos cuidavam da ordem, cuidavam das portas, recolhiam as ofertas e

30 MAXWELL, William D. **El Culto Cristiano**. 3.ed. Buenos-Ares-ARG: Methopreess Editorial e Grafica, 1963, p. 15. “El culto consiste en nuestras palabras y acciones. Es la expresión externa de nuestro homenaje y adoración, cuando estamos reunidos en la presencia de Dios. Estas palabras e acciones están gobernadas por dos cosas: nuestro conocimiento del Dios a quien adoramos, y los recursos humanos que somos capaces de aportar a esse culto. El culto cristiano se diferencia de todos los demás cultos en que se dirige al Dios y Padre de nuestro señor Jesucristo. Su desarrollo es peculiar porque el Espíritu Santo há estado con y em la Iglesia para aconsejarla y dirigirla desde el día de Pentecostés. Esto es lo que da al enfoque histórico del culto su validez peculiar e importancia práctica”.

os elementos no ofertório, liam o Evangelho e cuidavam da comunhão na congregação. Ministros menores oficiavam leituras, incensários etc.³¹

O que se percebe claramente, a partir do texto de Maxwell é a visão de uma celebração não centrada necessariamente naqueles que atualmente denominam-se de “sacerdotes”. Diante da realidade observada nas igrejas, crê-se ser necessário estabelecer uma análise das formas litúrgicas dos cultos na Pós-Modernidade. Entretanto, não se pretende estabelecer conceitos ou resgate de formatos nostálgicos, mas a partir de uma compreensão sociológica do ponto de vista da religião, estabelecer parâmetros que auxiliem na análise desse fato social³² que denominamos de culto.

A igreja precisa reconhecer o fato de que vive numa mudança de época. São incontestes as transformações que o mundo ocidental tem passado, especialmente, a partir de 1972 com o surgimento da chamada Pós-Modernidade.³³ A verdade passa a ser secundária e “a sua meta agora é o grau de desempenho”³⁴. E, de certo modo, isso influenciou diretamente os “palcos de culto” de muitas igrejas. A diversificação, o pluralismo, a falta de

31 MAXWELL, 1963, p. 31. “El número de clérigos que tomaba parte dependía del número disponible en la Iglesia local; el celebrante podría ser un obispo o presbítero, y no era desusada la práctica de la celebración conjunta, en la que el obispo y sus presbíteros, o varios presbíteros juntos, recitaban la liturgia al unísono. Los diáconos cumplían una variedad de funciones. El diácono principal dirigía a la congregación durante el culto, y recitaba algunas letanías. Otros diáconos guardaban el orden, cuidaban las puertas, levantaban la ofrenda, y presentaban los elementos en el ofertorio, leían el Evangelio y asistían en la comunión de la congregación. Ministros menores oficiaban de lectores, incensarios, etc”.

32 Fato Social é toda “coisa” capaz de exercer algum tipo de coerção (sentido de força de influência) sobre o indivíduo, sendo esta “coisa” independente e exterior ao indivíduo e estabelecida em toda a sociedade.

33 GRENZ, Stanley J. **Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo**. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 25-26.

34 GRENZ, 2008, p. 76.

verdades absolutas, o pragmatismo exagerado, a quebra da historicidade, faz aflorar um espírito pós-moderno “que resulta da suposição de que não existe um todo unificado a que possamos chamar 'realidade'”.³⁵ Isso pressupõe que um modelo uniforme de liturgia já não é perceptível em todos os “palcos” de culto.

A pós-modernidade, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, também é caracterizada pelo que ele denomina de “modernidade líquida” onde a sociedade e os seus relacionamentos são marcados pela “liquidez” ou “fluidez”. Essa “fluidez”³⁶ contribui para a construção de uma sociedade caracterizada pelo individualismo, donde há pouco ou nenhum espaço para um projeto que inclua o outro. Sem dúvida isso afeta as expressões religiosas.

Ainda Bauman, quando escreve sobre “religião pós-moderna?” em *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, apresenta a dificuldade de conceituação para religião e afirma “inclusão do sagrado” do “transcendental”, do “encantado” [...] e o “tremendo”.³⁷ Isso porque não se consegue colocar, ou pelo menos se evitar, dentro de uma definição racional o fenômeno religioso, e parte dessa questão reside no espírito mais tolerante da pós-modernidade, o que também se estende na *práxis* religiosa.

É claro que esses elementos, ainda que em parte, estão presentes na liturgia dos cultos pós-modernos. Grenz em sua análise sobre a pós-modernidade, afirma que: “o espírito pós-moderno celebra o transitório – a modernidade transcendia e expressava ideais eternos – e o transitório é próprio da encenação”.³⁸ Ainda o mesmo autor, ao relacionar o transitório –

35 GRENZ, 2008, p. 234.

36 BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001, p. 9.

37 BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro ZAHAR, 1998, p. 206.

38 GRENZ, 2008, p. 46.

o “encantado” com o cinema, demonstra que, de certa maneira, é possível perceber nuance de suas colocações na liturgia:

No fim das contas, o filme que assistimos é o produto de uma tecnologia. [...] Uma vez que a unidade de um filme depende de técnicas do processo de filmagem e não da narrativa em si mesma, os cineastas têm considerável liberdade para fragmentar e manipular a história de diversas maneiras. [...] a capacidade de justapor diversas sequências, de modo que o espectador veja um todo integrado, dá ao cineasta uma oportunidade única de obscurecer as distinções entre “verdade” e “ficção”, “realidade” e “fantasia”. [...] Viver numa sociedade pós-moderna significa habitar num mundo semelhante ao do cinema – um reino em que a verdade e a ficção se fundem.³⁹

Melchior, em artigo sobre *A Religião Pós-Moderna em Zygmunt Bauman*, faz algumas considerações preocupantes em relação às expressões religiosas do nosso tempo:

Na verdade, o que existe é a formação do “coquetel religioso”. O homem pós-moderno vive a religião “à la carte”, de tipo “self-service”, numa mistura de vários aspectos que mais interessam e satisfazem as exigências e necessidades momentâneas. Na busca do sentido da vida, cria-se o deus e a religião pessoal: “Jesus Cristo sim, Igreja não”. O “boom” religioso revela isto: seitas, cultos, esoterismos, filosofias orientais, yoga, etc., num verdadeiro “misticismo difuso e eclético”, onde se vive a preferência religiosa e o “suave consumismo religioso”. A razão disso se encontra também no fato de o sagrado ter-se libertado do domínio da religião, isso é qualquer pessoa pode atribuir-se o título de “bispo”, missionário e oferecer o serviço religioso como qualquer serviço de tele-entrega rápida e soluções milagrosas. O homem moderno não serve a Deus, mas se faz servir dele. Culto e Igreja, na medida do necessário e “quando sobra um tempinho”, afinal, tudo o que é demais, faz mal. A fidelidade a uma única Igreja e a uma única visão de Deus são prejudiciais, pois, segundo o homem moderno, há outras facetas e aspectos que devem

39 GRENZ, 2008, p. 54-55.

ser privilegiados e que uma única religião não completa. Assim, da missa de domingo se passa para o centro espírita de terça-feira, para a leitura e meditação da palavra de Deus no culto evangélico de quarta à noite, para o terreiro de umbanda de sexta-feira e para a fazenda budista de sábado. O resultado disto é o que se vê: ofertas religiosas as mais variadas possíveis.⁴⁰

Contemporaneidade e sacerdotes

A celebração de um culto, em muitas situações tem-se tornado um produto de consumo. Kavanaugh, em *Seguindo a Cristo Numa Sociedade de Consumo*, esclarece que “o consumo não é um fato puramente econômico. Surge como uma 'forma de vida', um hábito. [...] e que esse consumo se torna, inevitavelmente, mais importante do que a própria vida”.⁴¹ Na relação com o culto, a forma transcende o conteúdo, isto é, a forma como o culto “é consumido” impede, ou pelo menos, não estimula uma avaliação do conteúdo por parte do consumidor. Ainda na linguagem de Kavanaugh, esse consumo se adequa ao Padrão de Utilidade – “que revela o nosso próprio ser e nossos objetivos perceptíveis unicamente pela dimensão do que possuímos, [...] somos aquilo que possuímos, [...] somos possuídos pelos nossos bens [...] possuídos pelo que produzimos”.⁴² Considerando-se o pensamento de Kavanaugh, somos dirigidos pelo que é produzido no culto, enquanto forma e não diretamente pela busca e contato com o sagrado.

Por isso, observa-se que a contemporaneidade é marcada pela lógica do mercado na relação venda e consumo. A partir dessa lógica, Lemuel Dourado Guerra, em *Mercado Religioso no Brasil; Competição, Demanda e a Dinâmica da Esfera da Religião*, compreende:

40 MELCHIOR, Marcelo de Nascimento. *A Religião Pós-Moderna de Zygmunt Bauman*. Goiânia: UFG – Campus II, 2009, p. 5.

41 KAVANAUGH, John Francis. *Seguindo a Cristo Numa Sociedade de Consumo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 53.

42 KAVANAUGH, 1984, p. 57.

Que sob a lógica do mercado, as atividades humanas têm seus fins e valores particularmente distintivos suspensos, tornando-se passíveis de ser implacavelmente reorganizadas em termos de eficiência e eficácia, e são, ao mesmo tempo, redefinidas como meios ou instrumentalidade. [...] A introdução da lógica da mercadoria na esfera da religião resulta na transformação das práticas e discursos religiosos em produtos, introduzindo os modelos de religiosidade no mundo do consumo e do mercado. [...] as igrejas são transformadas em agências que competem pela preferência dos indivíduos no mercado e de que a religião torna-se um produto para ser consumido no mercado.⁴³

Ainda, Guerra considera que “como acontece em outros mercados num ambiente competitivo, determinada firma religiosa – empresas sociais cuja primeira proposta é criar, manter e fornecer religião para um conjunto de indivíduos, a igreja somente se desenvolverá se oferecer um produto no mínimo tão atrativo quanto o(s) do(s) seu(s) concorrente(s)”.⁴⁴ É claro que os “sacerdotes” (pastores, ministros de louvor, músicos, etc.) sofrem pressão desse mercado e das “igrejas concorrentes”, o que pode influenciar diretamente as liturgias e mutilá-las em sua espiritualidade. Como manter os compromissos da “firma/igreja” sem oferecer os produtos que se adequem ao mercado religioso?

A respeito disso, Guerra faz um comentário esclarecedor:

Cabe aqui destacar que esses processos sociais exercem uma forte pressão sobre as organizações religiosas. Não significa que os padres, pastores ou outros quaisquer tipos de líderes religiosos “quissem” criar um sistema competitivo de mercado entre denominações, e “decidissem” transformar a religião numa mercadoria de consumo, oferecida no mercado como qualquer outra. As condições estruturais nas quais o fenômeno da religião ocorre fazem com que seja praticamente impossível que as instituições religiosas evitem a mentalidade de mercado – o imperativo de crescer, a associação entre crescimento e inovação; o uso de publicidade; a necessidade de construir redes que liguem o local e o nacional; o hábito de pensar em termos de resultados tangíveis de conquista de novos fiéis, dentre outras.⁴⁵

Mesmo considerando a força do mercado de consumo, reconhece-se o conflito causado nos “sacerdotes”. Bourdieu em *Razões Práticas: sobre a teoria da ação* afirma que “a verdade da empresa religiosa é a de ter duas verdades: a verdade econômica e a verdade religiosa, que a recusa”.⁴⁶ Na realidade tudo é “muito terreno”, o que gera muito conflito no tratar e pensar no transcendente.

Essa questão da religião em Bourdieu é amplamente abordada por Pedro A. Ribeiro de Oliveira quando discorre em seu artigo sobre A Teoria do Trabalho Religioso em Pierre Bourdieu. Ao comentar sobre *O poder da consagração*, Bourdieu é enfático ao afirmar que esse poder, “absolutiza o relativo e legitima o arbitrário”.⁴⁷ Ora, se é difícil confrontar o mercado de consumo, quanto mais, sendo esse “mercado” legitimado pelo poder da consagração. Nesse sentido, Bourdieu denomina esse poder de *alquimia ideológica*:

Porque ao revestir o que é produto humano (portanto uma criação arbitrária e relativa ao seu tempo) com o caráter sagrado (inquestionável e perene), a religião desempenha a função simbólica de conferir a ordem social um caráter transcendente e inquestionável. Aí reside sua eficácia simbólica e ao mesmo tempo, sua função eminentemente política.⁴⁸

Para Bourdieu, a eficácia de todo esse processo simbólico da

43 GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado Religioso no Brasil – Competição, Demanda e a Dinâmica da Esfera da Religião**. João Pessoa, PB: Ideia, 2003, p. 33, 58.

44 GUERRA, 2003, p. 56-57.

45 GUERRA, 2003, p. 70-71.

46 BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Correia. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996, p. 184ss.

47 OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. O poder da consagração. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.) **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 179.

48 OLIVEIRA, 2003, p. 180.

religião altera socialmente a relação pensamento – consciência – hábitos. A prática de todo esse *trabalho religioso* “pode em teoria, polarizar-se na produção anônima ou coletiva, ou concentrar-se nas mãos de produtores especializados (agentes que têm nele o seu meio de vida)”.⁴⁹

Para que esse trabalho se realize no *campo religioso*, Bourdieu estabelece três categorias: o **sacerdote** – que “por excelência é o agente da religião estabelecida, aquele que reproduz e pereniza um sistema de crenças e ritos sagrados, inserindo-os na rotina social. [...] e há uma afinidade eletiva entre sacerdote e igreja”⁵⁰. O **profeta** – “é aquele que numa situação de crise, produz por seu discurso ou por sua prática, uma nova concepção religiosa. [...] é carismático e tende a ter conflitos com o sacerdote. Tende a ser formador de uma nova seita”⁵¹ e o **magô ou feiticeiro** – “é o religioso autônomo, como um *free-lancer* do sagrado, que se utiliza dos bens simbólicos produzidos pelos sacerdotes e profetas (independente do seu consentimento) para atender interesses utilitários e imediatos de sua clientela”.⁵² São prestadores de serviço. Todas essas considerações, sem dúvida, exemplificam situações e conflitos vividos internamente em nossas comunidades de fé.

Considerações finais

Furtar-se da realidade imposta pela Pós-Modernidade é uma tarefa inglória por parte da igreja. Não é recomendável para quem quer trazer o Reino de Deus, negar a realidade de onde esse Reino precisa ser estabelecido. Reconhece-se que a relação “adoração, culto e sacerdotes” enfrenta um momento desafiador para quem busca realizar uma *práxis* de culto fundamentado nas Escrituras. Peregrinar em direção aos “mosteiros” parece não ser o caminho, pois se vive em um novo contexto. Até quando? Não se sabe. Mas julga-se imprescindível o resgate espiritual da adoração.

Frei Betto refletindo sobre *Crise da Modernidade e Espiritualidade* em que considera a espiritualidade como bem maior, afirma que “a espiritualidade não é uma questão simplesmente religiosa; é muito mais, é uma questão de educação da subjetividade, da interioridade, de nos reeducarmos para a comunhão conosco mesmos, com a natureza, com o próximo e com Deus”⁵³. Por isso, crê-se, ainda, ser possível adorar, cultuar e servir “em espírito e em verdade”, (Jo 4.23).

Conclui-se este artigo com as palavras de Grenz sobre O Evangelho e o Contexto Pós-Moderno que declara: “Cremos que as interpretações conflitantes podem ser avaliadas segundo um critério que de algum modo transcende a todas elas. É a nossa crença de que a 'Palavra fez-se carne' em Jesus Cristo, por isso estamos convictos de que esse critério é a história da ação de Deus em Jesus de Nazaré”⁵⁴. Portanto, a adoração transforma-se na relação desse ser criado, buscando e redundando na glória deste Deus Encarnado em Jesus Cristo.

Referências

ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. **Teologia da Adoração: o verdadeiro Sentido da Adoração**. Trad. Elias Moreira da Silva; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002.

ALLMEN, von J.J. **O Culto Cristão: Teologia e Prática**. Trad. Dirson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: ASTE, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós- Modernidade**. Trad. Maura Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

49 OLIVEIRA, 2003, p. 183.

50 OLIVEIRA, 2003, p. 186.

51 OLIVEIRA, 2003, 187.

52 OLIVEIRA, 2003, p.188.

53 FREI BETTO. Crise da Modernidade e Espiritualidade. In: ROITMAN, Ari (Org.) **O Desafio Ético**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2000, p. 44.

54 GRENZ, 2008, p. 235.

Modernidade Líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza Correia. Campinas – SP: Papyrus Editora, 1996.

CHAMPLIN, R.N.; BENTES, J.M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** 3. ed. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeias, 1995, V. 3.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** 10 reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FREI BETTO. Crise da Modernidade e Espiritualidade In: ROITMAN, Ari. **O Desafio Ético.** Rio de Janeiro: Ed Garamond, 2000.

GRENZ, Stanley J. **Pós- Modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo.** Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado Religioso no Brasil. Competição, Demanda e a Dinâmica da Esfera da Religião.** João Pessoa – PB: Ideia, 2003.

KAVANAUGH, John Francis. **Seguindo a Cristo Numa Sociedade de Consumo.** Trad. José Wilson de Andrade. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MARINS, Jaziel Guerreiro. **Manual do Pastor e da Igreja.** Curitiba, PR: A. D. Santos Editora, 2002.

MAXWELL, William D. **El Culto Cristiano.** Buenos Aires, ARG: Methopress Editorial y Gráfica, 1963.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. O poder da consagração. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.) **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PAX, E. Epifania. In: BAUER, Johannes. **Dicionário de Teologia Bíblica.** Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1979, V.1.

PIDOUX, G. *Sacerdócio.* In: ALLMEN, Jean-Jacques von (org.) **Vocabulário Bíblico.** 2. Ed. São Paulo: ASTE, 1972.

SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1987.

Artigos

DOLGHIE, Jacqueline Zirolido; CAMPOS, Breno Martins. **Sacerdócio, Mercadoria e Espetáculo: uma perspectiva teórica do consumo de música evangélica no Brasil**. 2010. Disponível em: < revistapandorabrasil.com/revista_pandora/religião/texto_1.pdf> Acesso em: 29/dez/2014.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. **A Religião Pós- Moderna em Zygmunt Bauman**. 2009. Disponível em <www.abhr.or.br/wp.../art.MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf> acesso em: 01 de outubro de 2014.

TOZER, H.W. In: **The Best of A.W. Tozer , as quoted in making new discoveries**. Anaheim – Calif.: Insight for Living, 1996, p. 29. Disponível em: <www.rarechristianbooks.com/?pages=shpo/...id> Acesso em: 03/set/2015.

TOZER, W.A. **O Melhor de A.W. Tozer: textos inesquecíveis de um grande pregador**. Canoas- RS: Estação do Livro, 2007, p.86. Disponível em: <www.semeadoresdapalavra.net> acesso em: 01/out/2014